



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Três Lagoas



CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO PEDAGOGIA

ANA LAURA GOMES FORINI

O AFETO PARA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

TRÊS LAGOAS
2024
ANA LAURA GOMES FORINI

O AFETO PARA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Pedagogia do Campus de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia, sob orientação do Professor Doutor Armando Marino Filho.

TRÊS LAGOAS

2024

ANA LAURA GOMES FORINI

O AFETO PARA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Pedagogia do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Banca Examinadora:

Dr. Armando Marino Filho - Orientador
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Dra. Silvana Alves da Silva Bispo
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Dra. Vera Luisa de Sousa
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

TRÊS LAGOAS

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por me conceder força, sabedoria e fé ao longo dessa jornada, e a Nossa Senhora Aparecida, por seu amor materno e intercessão. À minha mãe, Silvana, pelo amor incondicional e pelo exemplo de força e dedicação que sempre me inspira. À minha irmã, Ana Beatriz, por ser meu apoio e companheira em todos os momentos. E à minha avó, Mariana, por suas orações e ensinamentos, que carregarei para sempre. E aos meus professores, que sempre foram exemplos de profissionais e fontes de inspiração.

RESUMO

Este trabalho explora o papel de importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento das crianças, destacando sua relevância para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos no ambiente escolar, a partir de uma análise teórica baseada em autores como Henri Wallon(1968), Jean Piaget(1975) e Paulo Freire(1987), o estudo enfatiza que a afetividade não é apenas um complemento no ambiente escolar, mas um elemento central que influencia diretamente a motivação, a autoestima e o desempenho acadêmico das crianças. O estudo aborda como a relação entre professores e alunos pode impactar positivamente o aprendizado, criando um ambiente acolhedor e seguro, onde as crianças se sintam valorizadas e confiantes para explorar suas potencialidades durante as aulas. Também são discutidas as consequências de uma educação que negligencia as dimensões afetivas, resultando em exclusão, dificuldades escolares e barreiras ao desenvolvimento integral dos alunos. Além disso, o trabalho ressalta a importância de práticas pedagógicas inclusivas e da formação contínua de professores para lidar com a diversidade de maneira empática e eficaz. A afetividade, aqui, é compreendida como uma ferramenta indispensável para superar desigualdades, promover relações interpessoais saudáveis e incentivar a cooperação no ambiente escolar. Conclui-se que integrar afeto e ensino é essencial para transformar a escola em um espaço verdadeiramente democrático e inclusivo, capaz de respeitar as diferenças e contribuir para a formação integral das crianças, entendendo que cada criança é um ser único que está constantemente sendo afetada, preparando-as não apenas para desafios acadêmicos, mas também para a convivência em sociedade.

Palavras-chaves: Afetividade; Aprendizagem; Afeto; Desenvolvimento; Criança.

ABSTRACT:

This paper explores the important role of affectivity in the teaching-learning process and child development, highlighting its relevance for students' cognitive, emotional, and social development in the school environment. Based on a theoretical analysis of authors such as Henri Wallon, Jean Piaget, and Paulo Freire, the study emphasizes that affectivity is not merely a complement in the school environment, but a central element that directly influences children's motivation, self-esteem, and academic performance. The study discusses how the relationship between teachers and students can positively impact learning, creating a welcoming and safe environment where children feel valued and confident to explore their potential during lessons. It also addresses the consequences of an education that neglects affective dimensions, leading to exclusion, academic difficulties, and barriers to students' holistic development. Furthermore, the paper highlights the importance of inclusive pedagogical practices and ongoing teacher training to address diversity in an empathetic and effective manner. Affectivity, in this context, is understood as an

essential tool to overcome inequalities, promote healthy interpersonal relationships, and encourage cooperation in the school environment. The conclusion is that integrating affection and teaching is crucial to transforming the school into a truly democratic and inclusive space, capable of respecting differences and contributing to the holistic formation of children, understanding that each child is a unique being who is constantly being affected, preparing them not only for academic challenges but also for living in society.

Keywords: Affectivity; Learning; Affection.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO:	8
2. Afetividade na história da educação.	10
2.1 Afetividade no ambiente escolar	12
2.2 A afetividade como base para a aprendizagem significativa	15
2.3 O papel do professor como mediador afetivo	18
2.4 Afetos negativos e suas consequências na sala de aula	22
2.5 Como o professor pode ajudar os alunos	25
3. CONCLUSÃO:	27
REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO:

A escola, após o ambiente familiar, representa o primeiro espaço social em que a criança se insere de maneira autônoma, assumindo seu lugar como indivíduo único. Nesse contexto, ela desempenha um papel central no desenvolvimento global das crianças, pois é o espaço onde ocorrem as primeiras interações estruturadas entre o indivíduo e a sociedade, fora de sua família. Além do aprendizado de conteúdos acadêmicos, o ambiente escolar é também um espaço de socialização, aquisição de habilidades emocionais e de construção de vínculos interpessoais que sustentam o desenvolvimento integral do ser humano ao longo da vida.

Para Henri, Wallon (1954, p. 288), educador e médico francês:

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente.

Com base nesses princípios, podemos afirmar que a afetividade é um domínio funcional de importante relevância para o bem-estar social e emocional de um indivíduo. Manifestar carinho ou afetividade, cuidado ao lidar com o próximo, possibilitando ao ser humano expressar seu afeto transmitindo seus sentimentos e emoções para com o outro, atuando como um intermediário vínculo estabelecido entre as pessoas para simbolizar a amizade mais intensa. A afetividade é uma condição psicológica do indivíduo humano que pode ou não ser alterada através das suas ações e circunstâncias. Tal estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Faz-se presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todos os campos da vida.

O estado psicológico exerce uma influência significativa no comportamento, aprendizado e desenvolvimento cognitivo das pessoas, sendo uma força presente em todos os aspectos da vida humana. Sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções são moldados por essa interação, refletindo como as experiências internas afetam as escolhas e ações diárias. No contexto educacional, a maneira como os estudantes processam emoções pode determinar sua motivação

para aprender e enfrentar desafios, assim como compreender que essa relação é essencial para promover um ambiente equilibrado que favoreça tanto o bem-estar emocional quanto o desenvolvimento integral das crianças.

O processo de ensino-aprendizagem é complexo e multidimensional, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, sociais e culturais. Nesse sentido, a afetividade emerge como um elemento central, capaz de impactar positivamente a motivação, a concentração e o desempenho dos alunos. Autores como Henri Wallon (1995), Jean Piaget (1970) e Paulo Freire (1996), destacam que as emoções estão profundamente ligadas à cognição, desempenhando um papel essencial na mediação do conhecimento. Sem afeto, o interesse e a curiosidade, que são os motores da aprendizagem, dificilmente se manifestam.

A relação entre professores e alunos transcende a simples transmissão de conhecimentos, tornando-se uma via de mão dupla, onde o acolhimento emocional pode transformar a experiência educacional. Entretanto, o ambiente escolar frequentemente enfrenta desafios ao lidar com a diversidade das crianças e suas necessidades individuais a padronização de práticas e a ênfase em resultados acadêmicos quantitativos muitas vezes negligenciam a importância das emoções, perpetuando desigualdades e dificultando a criação de um espaço verdadeiramente inclusivo. Nesse cenário, a ausência de vínculos afetivos pode gerar desmotivação, baixa autoestima e dificuldades de aprendizagem, impactando diretamente o desenvolvimento integral das crianças.

Por outro lado, quando o afeto é reconhecido e integrado ao contexto pedagógico, ele se torna uma ferramenta poderosa para superar barreiras e criar um ambiente mais acolhedor e propício à aprendizagem. A afetividade, expressa em gestos simples como a escuta ativa, o olhar atento e a empatia, fortalece as relações interpessoais e cria uma atmosfera de segurança emocional. Essa atmosfera é essencial para que as crianças desenvolvam sua autonomia, autoestima e capacidade de enfrentar desafios.

Diante dessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo investigar a influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, destacando sua relevância para o desenvolvimento integral das crianças. A pesquisa se fundamenta em teorias clássicas da educação e da psicologia, além de reflexões sobre práticas pedagógicas que valorizem o afeto como um elemento central para a construção de um ambiente escolar mais justo e inclusivo. Por meio de uma abordagem teórica e

reflexiva, busca-se evidenciar como o afeto pode atuar como um catalisador do aprendizado, promovendo não apenas o sucesso acadêmico, mas também o desenvolvimento humano em sua totalidade.

2. Afetividade na história da educação.

Após uma vida familiar, a escola é o primeiro ambiente social em que a criança entra de forma individual. O contexto escolar desempenha um papel importante no desenvolvimento das crianças porque ocorre um processo de interação entre o indivíduo e a sociedade durante a infância e adolescência. Além de ajudar os alunos a adquirir habilidades sociais e emocionais, esse processo de socialização é essencial para a formação acadêmica e o desenvolvimento integral desde os anos iniciais. A escola contribui significativamente para a melhoria do aprendizado, promovendo mecanismos como o diálogo e a participação ativa durante as aulas com as crianças. Isso não apenas melhora a assimilação de conteúdo, mas também fortalece as relações sociais construídas na sala de aula, que servem como base para o desenvolvimento psicossocial e humano das crianças.

É importante prestar atenção ao gesto, à mímica, ao olhar e à expressão facial, uma vez que são elementos que compõem o rosto do comportamento emocional.

Wallon (1971) focou grande parte de sua pesquisa no estudo da afetividade, adotando a adoção como método de estudo, uma perspectiva fundamentalmente social do progresso humano. Na sua psicogênese, procura conectar o biológico ao social, concede às emoções um papel central, elemento fundamental na construção da vida mental, atuando como uma mistura entre o aspecto social e o natural. Desde o nascimento, as interações da criança com o mundo exterior são significativas. Inicialmente, estabelecem-se relações de sociabilidade, pois o indivíduo, ao nascer, não possui nenhuma.

"meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por

intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consonantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage" (Wallon, 1971, p. 262).

Virões (2013), destaca a importância desse ambiente interativo na escola, onde a interação e a troca de ideias são fundamentais para o crescimento completo de uma pessoa. No entanto, a educação escolar enfrenta uma contradição profunda: enquanto busca oferecer igualdade de oportunidades e inclusão, frequentemente falha em aceitar e respeitar as diferenças individuais, sociais e culturais de seus alunos. A escola nem sempre consegue acolher a diversidade de maneira significativa, mesmo que seu objetivo seja proporcionar uma educação equitativa. Essa dificuldade cria um ambiente de exclusão que, conseqüentemente, prejudica a eficiência do ensino e limita o aprendizado das crianças. Existe uma discrepância evidente entre o discurso teórico, que valoriza a inclusão, e a prática cotidiana, que muitas vezes ignora as particularidades de cada aluno, tratando-os de forma generalista. Essa contradição reflete a identidade histórica da instituição escolar, que foi moldada por tradições normativas e conservadoras, muitas vezes priorizando a padronização em detrimento da singularidade.

Nesse contexto, a escola acaba não explorando plenamente o potencial de seus alunos, perpetuando desigualdades e dificultando o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Para que o ambiente escolar cumpra efetivamente seu papel transformador, é importante que suas práticas pedagógicas sejam repensadas. Isso inclui promover ações que reconheçam as características únicas de cada aluno e que valorizem a pluralidade como uma riqueza a ser explorada.

Cunha e Dazzani (2016) reforçam que a transformação da escola passa pela necessidade de reflexões profundas sobre como suas práticas podem ser ajustadas para atender às necessidades de todos os estudantes, independentemente de suas diferenças. Implementar estratégias pedagógicas inclusivas e adaptáveis não apenas promove uma educação mais justa, mas também fortalece a convivência democrática e a formação de cidadãos mais conscientes e engajados. Além disso, é imperativo que as instituições de ensino invistam em formações contínuas para seus professores, ampliando sua capacidade de trabalhar com a diversidade de maneira efetiva e acolhedora. Programas que incentivem a cooperação entre família, escola e comunidade podem também contribuir para a construção de um ambiente onde

cada aluno se sinta valorizado e respeitado. Somente por meio da revisão de métodos e da implementação de práticas que promovam a equidade, a escola poderá consolidar-se como um espaço verdadeiramente inclusivo e transformador, onde todos tenham a oportunidade de prosperar e alcançar seu pleno potencial e as crianças consigam se desenvolver por completo.

2.1 Afetividade no ambiente escolar

A relação professor-aluno pode ser prazerosa ou difícil, dependendo de como é construída e conduzida. O professor, como principal mediador do conhecimento, tem o poder de criar um ambiente que motive seus alunos ao longo do ensino das disciplinas. Portanto precisa estar consciente de que, no momento em que está em contato com os alunos, eles estão sendo afetados de diversas formas, já que como seres humanos, suas emoções influenciam seus comportamentos e ações, e esse afeto pode ser de forma negativa ou positiva, mesmo que o professor procure que o afeto seja de forma positiva, para alguma criança e sua própria interpretação pode se tornar algo negativo.

Segundo Piaget (1992, p. 32), “[...] sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência”. Estudos indicam que a afetividade é essencial para a aprendizagem cognitiva das crianças. Isso se deve ao fato de que a afetividade é o meio pelo qual o aprendizado se concretiza.

Essa conexão afetiva não apenas facilita a assimilação de conteúdo, mas também promove um ambiente escolar mais acolhedor e seguro, fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Quando as emoções estão alinhadas de forma positiva, o aprendizado se torna mais significativo e prazeroso. Pereira (2007) afirma que as interações sociais, históricas e biológicas do cotidiano dos alunos moldam a construção de seus conhecimentos.

Aprender a lidar com a dimensão afetiva, é tão necessário quanto adquirir habilidades cognitivas, como ler, escrever, desenhar e realizar operações

matemáticas. Nesse sentido, Saint-Laurent, Giasson e Royer (1990) enfatizam que o professor não pode ignorar a afetividade na relação educativa e sim olhar para ela como grande auxiliar no desenvolvimento das crianças. Um educador que entende e respeita os sentimentos de seus alunos cria um ambiente de aprendizagem onde todos se sentem valorizados, motivados e desafiados a participar ativamente, o que contribui para um desenvolvimento mais profundo e significativo de toda a sala.

Além disso, as relações afetivas e cooperativas são pilares para o estabelecimento de um ambiente educacional saudável. A conexão entre professores e alunos vai além do aprendizado técnico, pois é essencial para o desenvolvimento de respeito, solidariedade e apoio mútuo entre as crianças e toda a comunidade escolar, conforme afirmado por Araújo (1995). Essas relações fortalecem a autoestima dos alunos e promovem a superação de dificuldades escolares. Araújo (1995), em seu estudo de caso sobre uma criança de nove anos com problemas na aprendizagem da língua escrita, descobriu que o vínculo positivo com um educador foi determinante para que essa criança superar desafios e alcançar melhores resultados acadêmicos. A experiência demonstra que o apoio afetivo dos professores pode transformar a trajetória acadêmica dos alunos, ajudando-os a desenvolver a autoconfiança necessária para enfrentar novas situações de aprendizagem e isso acaba auxiliando para que a criança se sinta segura e consiga se desenvolver no ambiente escolar.

A afetividade também desempenha um papel de importância nas relações entre os próprios colegas de sala, quando os estudantes são incentivados a expressar seus sentimentos a colocar-se no lugar do outro e a desenvolver empatia, criam-se laços afetivos mais fortes e duradouros, que os preparam para a convivência em sociedade e fortalecem seu desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo separadamente. Isso contribui para a construção de um ambiente escolar mais solidário e colaborativo, onde a cooperação e o apoio mútuo são valorizados e a sociedade escolar se torna mais desenvolvida. Em um contexto assim, os alunos se sentem mais confortáveis para ser quem realmente são, o que favorece não apenas o aprendizado, mas também o desenvolvimento de habilidades socioemocionais das crianças em processo de desenvolvimento.

Contudo, sentimentos negativos podem ter um impacto prejudicial no aprendizado, especialmente para crianças que já enfrentam desafios. Araújo (1995) e Camargo (1997) destacam que, quando as emoções não são acolhidas, o desempenho escolar pode ser comprometido. “Todo mundo tem necessidade de saber que é valorizado e amado” (Testerman, 1996, p. 365), uma frase que resume a necessidade de um ambiente educacional que valorize as emoções e a singularidade de cada criança. Esse reconhecimento não deve ser visto apenas como um recurso adicional na educação, mas como uma necessidade fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos.

Portanto, ao considerar a importância da afetividade na educação, fica evidente que os professores desempenham um papel crucial na formação, não apenas do conhecimento, mas também das emoções e dos valores dos alunos. Quando o professor estabelece relacionamentos saudáveis e respeitosos com seus alunos, ajuda-os a alcançar seu máximo potencial, criando um ambiente de aprendizado onde todos se sentem parte de uma comunidade que os apoia em suas jornadas acadêmicas e pessoais.

Assim, ao levar em consideração a relevância da afetividade na educação, fica claro que os professores têm um papel de importância na construção não só do conhecimento, mas também das emoções e dos valores de seus estudantes. Ao construir relações saudáveis e respeitadas com seus alunos, o professor cria um ambiente de confiança e proteção que favorece o crescimento completo dos indivíduos. Quando o docente desempenha o papel de um mediador que valoriza as experiências pessoais, ele cria chances para que os estudantes se sintam acolhidos e entendidos, o que eleva sua autoconfiança e sua vontade de aprender, essa estratégia promove o aprimoramento de competências socioemocionais, tais como empatia, colaboração e respeito, equipando-os para a convivência social e desenvolvendo por completo o indivíduo.

2.2 A afetividade como base para a aprendizagem significativa

O papel do educador ultrapassa a simples transmissão de conhecimento, ele atua como um planejador estratégico que procura reconhecer e explorar as diversas habilidades de seus alunos em sala de aula. Isso significa que o professor não só planeja ações pedagógicas, mas também estabelece um ambiente adequado para a concretização dos objetivos de aprendizado, propositalmente ajustados para cada aluno, considerando suas particularidades e necessidades individuais. De acordo com Tunes e Bartholomeu Júnior (2005, p. 690), "nas ações do professor, há um efeito no aluno que é intencional e esperado como uma realização, algo que não pode ser comprovado pela parte do aluno." Essa afirmação ressalta a atitude proativa do professor, que impacta diretamente no progresso educacional de seus alunos, mesmo que nem sempre de forma imediatamente perceptível.

No vínculo entre professor e aluno, a dimensão emocional enriquece a troca de experiências e conhecimentos. É importante compreender que, embora o educador atue como facilitador do aprendizado, as crianças têm um papel ativo nesse processo, afetando e sendo afetadas a todo momento e de todas as formas. O afeto não apenas favorece o aprendizado, mas também fortalece as relações entre professor e aluno durante o tempo compartilhado em sala de aula. Conforme mencionado por Silva e Navarro (2012, p. 97), "[...] e o estudante, em vez de apenas absorver conhecimentos, também ensina e aprende, mesmo sem intenção explícita." Essa perspectiva evidencia que, no contexto educacional, o aprendizado é uma via de mão dupla, onde o professor também aprende com os alunos. Nesse processo interativo e colaborativo, o afeto desempenha um papel central, transformando a prática pedagógica em uma experiência rica e significativa para ambas as partes, como dito anteriormente o aluno com sua bagagem de experiência também pode ensinar o seu professor, afetando ambas as partes de maneira significativa.

A empatia e o entendimento das realidades individuais das crianças são fundamentais para criar vínculos autênticos e relevantes. Quando os alunos percebem que suas emoções, vivências e histórias pessoais são valorizadas, sentem-se mais comprometidos com o aprendizado e motivados a participar ativamente das aulas e podendo partilhar suas ideias e opiniões de maneira que não se sintam desconfortáveis. Essa valorização é essencial pois reforça a ideia de que os alunos não são apenas receptores de conhecimento, mas sujeitos ativos, com experiências e contribuições únicas nesse contexto, o professor não apenas

organiza suas aulas de maneira planejada, mas também promove um ambiente emocionalmente receptivo, propício ao diálogo, à interação e à colaboração de toda a sua turma. Assim, cria-se um espaço onde todos se sentem valorizados e envolvidos no processo de aprendizagem que vai se tornando cada vez mais significativo.

O afeto exerce um papel crucial na formação da autoestima e da autoconfiança das crianças, elementos indispensáveis para o aprendizado e desenvolvimento das crianças. Um professor que demonstra consideração e atenção às necessidades emocionais dos seus alunos não apenas facilita a assimilação do conteúdo, mas também constrói um ambiente escolar positivo, onde as crianças se sentem seguras para expressar suas ideias e emoções. Quando as emoções são reconhecidas e respeitadas, os alunos desenvolvem maior segurança para se expressar e aprender. Dessa forma, a integração do afeto na prática pedagógica torna-se indispensável para o crescimento completo do estudante, abrangendo os aspectos cognitivos, emocionais e sociais de sua formação.

A afetividade vai além de sentimentos como amor, ternura e carinho; ela abrange emoções, estados de humor, motivação, atenção, personalidade, temperamento, entre outros aspectos. Sua influência se estende à memória, percepção, vontade e ações, sendo essencial na formação da personalidade humana. Para Vygotsky (1998, p. 42), "[...] a emoção está intimamente ligada ao desenvolvimento intelectual, sendo um dos motores que impulsionam a aprendizagem." Essa afirmação destaca que as emoções não são meros complementos, mas componentes fundamentais na construção do conhecimento.

No ambiente escolar, a criação de um clima emocionalmente positivo estimula a motivação e a autoconfiança, impactando diretamente na capacidade de aprender e evoluir. Professores que investem em estratégias pedagógicas que promovem conexões emocionais – como a escuta ativa, a conversa franca e a empatia – criam experiências de aprendizado mais significativas e alinhadas às necessidades dos alunos. Essa abordagem permite que cada criança seja vista como um indivíduo único, com suas próprias particularidades e potencialidades. A afetividade, enquanto elemento cultural, reflete valores, tradições e modos de interação específicos de cada sociedade, assumindo características únicas em diferentes contextos. No

ambiente escolar, sua relevância se destaca, especialmente no processo de ensino-aprendizagem. A afetividade influencia a motivação, a participação e até mesmo a forma como as crianças interagem com seus pares e professores. Quando os docentes compreendem e valorizam a importância da afetividade, criam um ambiente que promove o engajamento, a segurança emocional e a cooperação. Isso não apenas enriquece o aprendizado, mas também reforça os laços entre alunos e professores, proporcionando uma experiência educacional mais rica e transformadora.

Portanto, a afetividade não é apenas um complemento no processo educativo, mas um alicerce que sustenta relações saudáveis e o desenvolvimento pleno dos alunos. Professores que reconhecem e incorporam esse componente em suas práticas pedagógicas têm maior potencial para promover um aprendizado significativo, que não apenas prepara as crianças para os desafios acadêmicos, mas também para a vida em sociedade

2.3 O papel do professor como mediador afetivo

Piaget (1999, p. 22) aponta que “existe, com efeito, um paralelo constante entre a vida afetiva e a intelectual” De fato, um constante contraste entre a vida emocional e intelectual nos faz ponderar sobre a íntima ligação entre as emoções e o processo de aprendizado para as crianças no ambiente escolar, essa conexão se torna ainda mais clara pois as vivências emocionais afetam diretamente a habilidade cognitiva dos estudantes.

Quando as crianças se sentem emocionalmente protegidas e apreciadas, tendem a se engajar mais ativamente nas tarefas de aprendizado que o professor propõe. A atmosfera emocionalmente positiva, fomentada por um vínculo afetivo saudável entre docente e discente, incentiva a curiosidade, a motivação e a prontidão para o aprendizado. Por outro lado, um ambiente emocional adverso pode levar à ansiedade e desinteresse, o que complica a absorção de informações e o progresso intelectual, deixando a criança com medos e desmotivada no ambiente escolar.

Na obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), Freire afirma que:

“Primordialmente, minha posição tem de ser a de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse mudar. Não posso negar-lhe ou esconder-lhe minha postura, mas não posso desconhecer o seu direito de rejeitá-la. Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. Esta, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos (Freire, 1996, p. 28).”

Assim, a atuação do educador não pode ser definida como imparcial considerando a relação de forças entre suas ações pedagógicas e as necessidades que enfrenta. Surgem do ambiente escolar onde atua, surgem marcos que irão determinar a sua escolha, ou a sua direção, a favor da vítima ou do opressor. A questão da neutralidade, que afeta muitas crianças, é um tema recorrente.

Freire (1996, p. 57) aborda a questão dos discursos e práticas educativas ao questionar. “Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? “O silêncio diante de atitudes e ações opressoras se traduz numa aceitação passiva. A aceitação passiva da própria opressão, especialmente quando é de interesse para o fortalecimento.

Ademais, a afetividade tem um papel fundamental na construção da autoestima dos estudantes. Professores que expressam empatia, entendimento e suporte auxiliam no aumento da autoconfiança dos estudantes, o que, conseqüentemente, afeta de maneira positiva o seu rendimento escolar. Portanto estabelecer laços emocionais entre professores e alunos não é apenas vantajoso, mas crucial para o êxito na educação assim, ao incorporar a afetividade no processo educacional os professores não só criam um ambiente mais acolhedor, como também favorecem o progresso intelectual. Esta perspectiva holística entende que o processo de aprendizagem abrange não só a mente, mas também o coração, destacando a relevância de estabelecer relações significativas no ambiente escolar.

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram

seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (Freire, 1980, p. 42).

Notamos a importância do diálogo em sala de aula para a mediação do aprendizado das crianças; para que esse diálogo seja efetivo, é relevante que haja uma relação positiva e emocional entre as crianças e seus professores, a ligação emocional estabelece um cenário favorável para trocas significativas de informações na sala de aula. Quando os estudantes se sentem acolhidos e respeitados, eles se sentem mais à vontade para compartilhar seus conhecimentos, dúvidas e pontos de vista, o que ajuda no desenvolvimento no ambiente de aprendizagem, em contrapartida a falta de diálogo ou uma palavra entendida de maneira negativa pela criança, pode causar o efeito reverso na aprendizagem onde a criança pode se fechar no ambiente escolar e ter dificuldades na aprendizagem.

A ausência de diálogo e afetividade no desenvolvimento das crianças pode gerar sérias consequências. Do ponto de vista pedagógico, o ambiente escolar e familiar é essencial para o desenvolvimento das habilidades de comunicação e emocionais das crianças, já que a família e a escola devem andar juntas, e para a construção de relações afetivas quando essas experiências são negligenciadas, surgem obstáculos para a aprendizagem, uma vez que a criança deixa de se sentir segura e compreendida dentro do ambiente escolar por seus colegas e professores, a falta de diálogo e de apoio afetivo pode resultar em desmotivação e dificuldades de aprendizagem para as crianças, pois a criança não encontra um ambiente acolhedor e seguro para expressar suas dúvidas e explorar suas ideias de maneira adequada. A ausência de afetividade e de apoio emocional também dificulta a construção de um vínculo positivo com o ato de aprender, tornando o processo educacional mais difícil e com barreiras.

Além disso, o contato constante e afetuoso com educadores e colegas é essencial para o desenvolvimento de habilidades sociais como cooperação, respeito e empatia. Sem essas trocas a criança pode apresentar dificuldades para interagir de maneira saudável com o outro, seja ela professor ou outras crianças, o que impacta não apenas seu desempenho acadêmico, mas também suas relações interpessoais como indivíduo que vive em sociedade. A valorização do diálogo e do afeto no ambiente escolar também reforça a autoestima, fazendo com que a criança se sinta ouvida e respeitada. Em contrapartida, a ausência desses elementos pode

gerar uma autopercepção negativa, comprometendo seu desempenho escolar e sua confiança nas atividades diárias que as crianças realizam em seu dia a dia.

Segundo Vygotsky (2003), os sentimentos podem ser categorizados em duas principais categorias: os positivos e os negativos. Os sentimentos positivos estão associados a emoções de alta intensidade, como entusiasmo e excitação, bem como a sentimentos de baixa intensidade, como serenidade e serenidade. Esses sentimentos positivos são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que estão diretamente associados à motivação e ao envolvimento dos estudantes. Ao vivenciar emoções positivas, os alunos tendem a se sentir mais motivados e receptivos ao aprendizado, o que pode simplificar a aquisição de novas competências e saberes.

Em contrapartida, os sentimentos negativos estão associados a sentimentos negativos, tais como ansiedade, ira, culpa e melancolia. Essas emoções podem influenciar consideravelmente o rendimento escolar e a saúde mental das crianças em seu processo de aprendizagem. Vale ressaltar que as emoções e sentimentos dos alunos não são componentes isolados, mas sim componentes de um contexto interativo que impacta o processo de aprendizagem. Por exemplo, o ambiente familiar precisa ser receptivo e seguro, já que a qualidade das interações emocionais entre a criança e sua família é crucial para o seu crescimento emocional e cognitivo.

A dificuldade de aprendizado deve ser avaliada em um cenário específico que leva em conta as particularidades de cada criança, considerando três aspectos essenciais: afetivo, psicomotor e cognitivo. Winnicott (1994) realizou estudos extensos comparativos entre crianças com e sem problemas de aprendizagem, estabelecendo relações com suas redes sociais, apoio familiar, amizades e habilidade de ajustar suas emoções. Os achados indicaram que crianças com problemas de aprendizado muitas vezes têm problemas emocionais e tendem a buscar menos suporte de suas famílias para lidar com questões desafiadoras. Esta ausência de apoio pode intensificar os problemas já presentes, gerando um círculo vicioso que compromete ainda mais o processo de aprendizagem. Portanto, fica claro que problemas em uma dessas áreas - afetiva, psicomotora ou cognitiva - afetam diretamente a habilidade de aprendizagem, destacando a importância de se trabalhar nessas áreas uma abordagem integrada e multifacetada para o entendimento e a intervenção em casos de dificuldades escolares.

Os principais sentimentos e emoções que afetam as dinâmicas em sala de aula são o medo, a felicidade e a ira. Frequentemente, o medo surge em contextos desconhecidos, como ao responder uma tarefa ou apresentar um trabalho, provocando ansiedade no estudante. Em contrapartida, a felicidade pode provocar agitação, mas também fomenta o entusiasmo, incentivando a participação nas atividades. Por outro lado, a cólera pode levar a conflitos, colocando o docente diante de desafios que impactam seu bem-estar físico e emocional.

Lamentavelmente, muitos docentes enfrentam desafios ao lidar com as questões emocionais dos estudantes em sala de aula, muitas vezes os interpretados como falta de atenção ou indisciplina. Essa visão pode resultar em um foco excessivo na limitação do movimento dos estudantes, na convicção de que sua supressão assegurará um ambiente de ensino mais eficiente. No entanto, é crucial entender que esses movimentos, frequentemente ligados a sentimentos como a felicidade, são fundamentais para o processo de aprendizagem, como atividades que estimulam o estímulo motor e podem auxiliar no aprendizado e na interação, as dificuldades emocionais podem se expressar de formas particulares, tais como tiques, enurese e medos noturnos, como destacado por Coll, Marchesi e Palacios (2007). Isso ressalta a relevância de um método que incorpore a compreensão emocional ao processo de ensino, possibilitando que os professores desenvolvam habilidades emocionais estratégias mais eficazes para lidar com a diversidade emocional de seus alunos de maneira significativa.

Um dos pontos mais enfatizados pelos professores ao tratar de assuntos ligados ao afeto e às emoções é a ligação entre afetividade e dificuldades de aprendizado. Para muitos professores, a dimensão afetivo-emocional é vista como fundamental para o êxito ou insucesso escolar, sendo muitas vezes utilizada como justificativa para problemas de aprendizagem, essa visão costuma se restringir a uma visão focada nas necessidades e limitações de seus alunos.

Ao vincular o insucesso escolar a questões emocionais, os educadores frequentemente atribuem suas causas à vida familiar da criança. Elementos como maus-tratos, rejeição e falta de apoio dos pais, bem como conflitos familiares, são comumente citados como fatores que contribuem para essas questões emocionais. Portanto, a fragilidade do ambiente familiar pode levar a uma variedade de efeitos, como carência emocional, medo, agressividade, autopercepção negativa e ausência de estímulo. Esta compreensão destaca a relevância de uma perspectiva mais

ampla que leve em conta não somente os desafios, mas também as capacidades da afetividade para estimular um ambiente escolar mais saudável e favorável ao aprendizado das crianças.

Afetividade é tudo o que o afeta e sob esse olhar, pode ser algo prazeroso ou não. “As expressões das emoções são mais intensas e de amplas proporções quanto mais novas são as crianças” [...] (Wallon, 1995).

De acordo com Henri Wallon, o crescimento infantil é afetado por elementos sociais e emocionais, sendo que as emoções têm um papel fundamental no processo de aprendizado no contexto educacional, uma criança com problemas em uma matéria, como a matemática, pode se sentir desmotivada e insegura em relação a essa disciplina quando não recebem o apoio emocional necessário, esses sentimentos tendem a se intensificar, criando um ciclo de ansiedade e resistência à disciplina. A teoria de Wallon ressalta a conexão direta entre o desenvolvimento cognitivo e o emocional, tornando essencial que a criança se sinta acolhida e entendida no ambiente escolar, com um apoio emocional positivo, a criança pode lidar com seus desafios com mais segurança, minimizando o efeito da ansiedade e adotando uma atitude mais receptiva e otimista em relação ao processo de aprendizagem.

Segundo Henri Wallon(1995), a criança procura constantemente estar junto de pessoas que elas gostam se sentindo seguras, e no ambiente escolar não é diferente, a criança vai buscar se sentir segura com o adulto que ela se sente mais segura.

2.4 Afetos negativos e suas consequências na sala de aula

Um dos requisitos para que o aprendizado seja significativo é que a criança, o estudante, mostre interesse em aprender. Estudos apontam a existência de elementos sociais e emocionais importantes para obter um bom rendimento, seja no ambiente escolar ou na vida pessoal dessa criança; Quando a educação é conduzida de forma imprópria, com uma metodologia errônea, podem surgir brechas emocionais, inseguranças, receios do desconhecido e do abandono, que geralmente estão ligados a questões emocionais e acabam afetando o ambiente escolar e o rendimento da criança na participação nas aulas.

Ao exibir comportamentos que não são esperados, as crianças geralmente buscam atenção através de suas atitudes. A relação pedagógica entre docentes e discentes, ao negligenciar a relevância das emoções em sala de aula, através da afetividade, resulta em danos não só para os docentes, mas também para os estudantes e os professores.

Conforme Vygotsky (2003), os sentimentos podem ser categorizados em positivos ou negativos. Os sentimentos positivos estão associados a emoções construtivas de alta energia, tais como entusiasmo e excitação, e de baixa energia, tais como serenidade e tranquilidade, por outro lado os sentimentos negativos estão ligados a sentimentos como ansiedade, ira, culpa, insegurança e melancolia. Os sentimentos e emoções dos estudantes estão profundamente conectados ao processo de ensino e aprendizagem, afetando de forma positiva ou negativa, o progresso cognitivo. O contexto familiar precisa proporcionar acolhimento, sendo de grande importância para reforçar a ligação emocional entre a criança e sua família, a falta da mãe nos cinco primeiros anos de vida do filho pode afetar negativamente essa fase vital, acarretando consequências significativas para o futuro.

De maneira geral, sentimentos como tristeza resultante de perdas ou explosões de raiva causadas por frustrações são reações emocionais comuns e temporárias que não requerem intervenção da parte do professor. No entanto, conforme a intensidade, a duração e a presença de outros sintomas, a tristeza e a irritabilidade podem sinalizar distúrbios emocionais em crianças e jovens. A marginalização da criança também impacta suas emoções no ambiente escolar, seja através de suas expressões ou de suas atitudes.

A dificuldade de aprendizado deve ser avaliada dentro do contexto particular de aprendizagem, cada criança deve ser analisada em três aspectos: afetivo, psicomotor e cognitivo, estrutura cognitiva. Winnicott (1994) estudou crianças com e sem problemas de aprendizado, fazendo analogias com a rede de interações sociais e apoio social através de situações novas como responder a alguma atividade; apresentar trabalhos.

A alegria, que provoca inquietação pode também trazer entusiasmo para o trabalho finalmente a cólera que tem a capacidade de expor o docente perante a sociedade da classe provocando fadiga física e emocional frequentemente, os docentes não têm conhecimento sobre como lidar com questões emocionais

desatenção ou indisciplina em contexto de sala de aula portanto, podemos observar que existe um fato de que existe uma tendência.

Existe uma forte pressão para controlar o movimento, como se sua simples supressão pudesse garantir o aprendizado da criança. São esses movimentos que podem gerar energia e emoções como a felicidade, que ao surgir, provoca uma intensa atividade motora. Várias atividades podem ser realizadas para facilitar o aprendizado “As dificuldades emocionais se manifestam, muitas vezes, mediante sintomas específicos (tiques, enurese, encoprese, terrores noturnos, sucção do polegar)” (Coll; Marchesi; Palacios, 2007, p. 115).

Um dos pontos mais destacados pelos docentes ao abordar questões é um dos aspectos mais destacados referentes ao sentimento e à emoção, é a conexão entre afetividade e dificuldades de aprendizado.

Para muitos docentes, o aspecto afetivo-emocional está profundamente ligado ao ensino de Sucesso ou insucesso acadêmico; muitas vezes, é empregado para justificar o não aprendizado em geral, o foco nesta dimensão se limita quase exclusivamente a um ponto de vista específico que enfatiza a ausência, escassez, as dificuldades.

Ao vincular o insucesso escolar a questões emocionais, a sua causa é identificada.

na vida familiar da criança, pelo professor estimulando essas questões emocionais, são os seguintes fatores: Por um lado, são enfatizados os abusos contra a criança, a rejeição e o abandono. Por parte dos pais e a discórdia entre os filhos pais; e, por outro lado, como decorrência dessa vida familiar precária, ressaltam a carência emocional, o medo, a agressividade, a autoimagem negativa e a falta de motivação.

Um dos pontos mais destacados pelos docentes ao abordar questões é um dos aspectos mais destacados referentes ao sentimento e à emoção, é a conexão entre afetividade e dificuldades de aprendizado.

Para muitos docentes, o aspecto afetivo-emocional está ligado ao ensino de sucesso ou insucesso acadêmico; muitas vezes, é empregado para justificar o não aprendizado Em geral, o foco nesta dimensão se limita quase exclusivamente a um ponto de vista específico que enfatiza a ausência, ou escassez, as dificuldades.

Ao vincular o insucesso escolar a questões emocionais, a sua causa é identificada na vida familiar da criança, pelo professor. Estimulando essas questões emocionais, são os seguintes fatores: Por um lado, são enfatizados os abusos

contra a criança, a rejeição e o abandono por parte dos pais e a discórdia entre os filhos. Levando em conta esses problemas afetivos e emocionais identificados nos estudantes. Os problemas relacionados ao seu desempenho acadêmico insatisfatório são, em essência, consequência de seu desempenho acadêmico insuficiente. Devido a fatores externos à escola, muitos docentes se sentem incapazes de lidar com eles.

3. CONCLUSÃO:

Este trabalho contribui, por meio de uma análise teórica fundamentada em autores como Henri Wallon(1968), Jean Piaget(1975) e Paulo Freire(1987), que a afetividade é um aspecto indispensável no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento integral das crianças. Sua presença no ambiente escolar transcende o papel de um recurso pedagógico, tornando-se um elemento estruturante para o equilíbrio emocional, a motivação e o engajamento dos estudantes. A partir dessa abordagem, é possível identificar diferentes dimensões em que a afetividade atua e compreender como ela pode transformar o ambiente escolar e os processos educativos.

A relação entre afetividade e cognição, como explorada ao longo do estudo, demonstra que o aprendizado não pode ser compreendido isoladamente de seus componentes emocionais. Conforme Piaget e Wallon apontam, as emoções influenciam diretamente a forma como os indivíduos processam informações, enfrentam desafios e constroem conhecimento. Sem a presença de afeto, aspectos fundamentais como interesse, curiosidade e persistência dificilmente se manifestam. No ambiente escolar, isso reforça a necessidade de práticas pedagógicas que promovam não apenas o domínio de conteúdos acadêmicos, mas também o bem-estar emocional dos alunos, criando condições propícias para o aprendizado.

Outro ponto central deste trabalho foi a análise do papel do professor como mediador afetivo. O docente, ao estabelecer vínculos saudáveis e respeitosos com os alunos, têm a capacidade de influenciar positivamente o desenvolvimento acadêmico e emocional de cada um. A escuta ativa, a empatia e o olhar atento tornam-se ferramentas indispensáveis para a construção de um ambiente seguro, onde os alunos se sentem valorizados e motivados a participar do processo de

aprendizagem. Por outro lado, a ausência de vínculos afetivos pode gerar desmotivação, baixa autoestima e dificuldades de aprendizagem, ampliando desigualdades e limitando o potencial de desenvolvimento das crianças.

A diversidade de necessidades e histórias presentes nas salas de aula também foi abordada como um desafio significativo. O estudo revelou que o reconhecimento das singularidades de cada aluno é essencial para uma educação mais equitativa e eficaz. No entanto, a padronização de práticas pedagógicas e a ênfase em resultados quantitativos ainda são obstáculos que dificultam a criação de um espaço verdadeiramente inclusivo. Para superar essas barreiras, é necessário investir em formação contínua para professores, capacitando-os a lidar com a pluralidade de maneira empática e eficaz. Além disso, a integração entre família, escola e comunidade é um caminho promissor para construir um ambiente que valorize as diferenças e promova o desenvolvimento integral dos alunos.

A afetividade, conforme evidenciado neste trabalho, é também uma ferramenta poderosa para promover mudanças sociais. Quando o afeto é integrado ao ensino, a escola se torna um espaço democrático e acolhedor, capaz de transformar as relações interpessoais e fortalecer o senso de cooperação entre os alunos. Essa perspectiva é particularmente relevante em contextos de desigualdade, onde práticas pedagógicas inclusivas podem contribuir para reduzir disparidades e criar oportunidades equitativas para todos.

Por fim, este estudo conclui que integrar afeto e ensino é não apenas uma estratégia pedagógica, mas uma necessidade fundamental para a construção de uma educação humanizadora e transformadora

Ainda há desafios a serem enfrentados, como a necessidade de repensar as políticas educacionais que muitas vezes negligenciam a dimensão afetiva em prol de resultados imediatos. No entanto, este trabalho reafirma que uma educação que valoriza a afetividade pode contribuir significativamente para a formação integral dos alunos, preparando-os não apenas para os desafios acadêmicos, mas também para a vida em sociedade; Dessa forma, espera-se que este estudo inspire novas reflexões e práticas voltadas à promoção de uma educação mais justa, inclusiva e afetiva, como ressaltam os autores discutidos, a educação só pode ser transformadora se for capaz de tocar tanto a mente quanto o coração.

REFERÊNCIAS

Araújo, C. M. M. (1995). Relações interpessoais professor-aluno: uma nova abordagem na compreensão das dificuldades de aprendizagem. Dissertação de mestrado não-publicado, Universidade Nacional de Brasília.

Coll, César; Marchi, Álvaro; Palacios, Jesús. Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/927785/mod_resource/content/1/Livro%20-%20Desenvolvimento%20psicol%C3%B3gico%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20Coll%20-%20Cap.%201.pdf>. Acesso em: 13 de ago. 2024.

Educação, Lisboa. Retrieved. Disponível em:

<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4831/Maria_Betania_Virae_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1> . Acesso em: 8 de Set em 2024.

Freire, P. (1996). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. Disponível em <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>> : Acesso em: 02 de Nov em 2024.

Freire, P. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: colocar link.

<http://www.lettras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf> Acesso em: 25 de ago. 2024”.

Piaget, J. A construção do real na criança. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/422312547/Piaget-A-construcao-do-real-na-crianca-pdf> Acesso em> : colocar data de acesso, modelo 5 de nov. de 2024,.

Piaget, J. Seis estudos de Psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4909192&forceview=1>> . Acesso em: 6 de nov. de set de 2024.

Piaget, Jean. Para onde vai a Educação. Rio de Janeiro: Summus, 1988. Disponível em: <https://www.academia.edu/9622315/PIAGET_Jean_Para_onde_vai_a_educ%C3%A7%C3%A3o> . Acesso em: 18 de agosto de 2024.

Saint-Laurent, L. Giasson, J., & Royer, E. (1990). Stabilité affective et rendement scolaire. *Vie Pédagogique*, (68), .Disponível em
<https://crires.ulaval.ca/full-text/numero_160_1.pdf> . Acesso em 03 agosto de 2024

Tunes, E Bartholo Jr., R. Da Constituição da consciência a uma psicologia ética: alteridade e zona proximal de desenvolvimento. In: SIMÃO, L. M.; MARTINEZ, A. M. (orgs.) *O Outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia*. São Paulo: Pioneira; Thomson Learning, 2004. p.41-60. Disponível em
:<<https://www.scielo.br/j/cp/a/5VcSDPXY78pqQYKTVYTD7Fv/?format=pdf>> .

Virões, M. B. A. R. de A. (2013). *O Papel da Escola na Educação de Valores*(Dissertação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Instituto de Disponível em
<https://recil.ulusofona.pt/items/991a0e66-c7a6-4153-9f20-3e78110456dd>> Acesso em 28 de Jul de 2024.

Vygotsky, L. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes. Disponível em<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf> Acesso em 5 de Set de 2024.

Vygotsky, Lev Semenovitch. *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003. Disponível em
<<https://mundonativodigital.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/11/vigotski-l-s-p-sicologia-pedagogica-1.pdf>> Acesso em 8 de Agot de 2024.

Wallon, H. (1968) *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70. 17 .Disponível em
<https://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_actio n=& co_obra=205242 & comedia=2> Acesso em 18 de Set de 2024. .

Wallon, H. (1971) *As Origens do Caráter na Criança*. São Paulo: Difusão Européia do Livro Disponível em
<<https://buscaintegrada.ufrj.br/Record/aleph-UFR01-000655702>> Acesso em 7 de Novembro de 2024.

